

OS BENEFÍCIOS DO OLHAR ATENTO E DA PRÁTICA ESTRUTURADA DO BRINCAR PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS DE 0 A 3 ANOS

Vanessa Passos¹
Silmara Quintana²

(1) Discente do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Universidade Paulista – UNIP-Interativa

(2) Docente professora orientadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia/Universidade Paulista – UNIP-Interativa

Resumo

O brincar, dentro do contexto histórico e teórico apresentado neste artigo, tem um papel importante para o desenvolvimento infantil, principalmente na primeira infância, de 0 a 3 anos, onde a criança está no seu auge, vivendo a fase em que mais ocorrem transformações sociais, motoras, afetivas e cognitivas. Diante disso, foi apresentada a reflexão se os professores, de fato, acreditam fortemente que as crianças são capazes de aprender brincando? Revelando que o papel e postura do Educador tem sido cada vez mais importante, principalmente no ambiente da Creche, que deixa de ser um espaço somente de cuidado, de assistência, para abrir caminho e reforçar a importância também do educar nesta fase da vida. Como uma forma lúdica para este educar estão as brincadeiras que, quando bem planejadas e com intencionalidade, se tornam fortes aliadas do desenvolvimento infantil, embasadas nos livros consultados durante a pesquisa bibliográfica. Neste processo também existem diversos desafios provenientes do trabalho na Educação Infantil, com crianças pequenas, familiares e que foram ainda mais acentuadas neste momento atual de isolamento social devido ao Covid-19. Mesmo diante de tantos desafios, o brincar tem um espaço exclusivo no processo de ensino-aprendizagem infantil, como prevê a BNCC - Base Nacional Comum Curricular, que traz as brincadeiras como eixos centrais das propostas curriculares nas escolas. Todas essas reflexões são possíveis de se concretizarem por meio do olhar atento do Educador, capaz de transformar os desafios e dificuldades em grandes oportunidades de aprendizado.

Palavras-chave: brincar; desenvolvimento; infantil; Educador; Creche

DESENVOLVIMENTO

O Brincar na Primeira Infância

A construção do brincar e seu impacto na vida das crianças

Ao resgatarmos momentos marcantes da vida, é certo que, em pelo menos um deles, haverá uma memória afetiva sobre alguma brincadeira realizada quando criança. Com o passar dos anos, essa

experiência foi evoluindo junto com as condições de espaço, tempo, estímulos, tecnologias e inovações - que estão em constante transformação – mas, ainda assim, nunca deixou de existir.

De acordo com Cachel e Pinto (2011, p.127), “tempos atrás grande parte das brincadeiras acontecia em lugares abertos, livres, com participação coletiva, de várias idades e ambos os sexos. Os brinquedos eram construídos pela própria comunidade, a partir de imitações feitas das atividades dos adultos na época”.

Na antiguidade, materiais como argila, cerâmica, madeira, panos e até peças de vidro eram transformados em brinquedos e que, mesmo de forma simples, traziam muita diversão às crianças.

Comentam também que há histórias de brinquedos que são usados e guardados por muito tempo, até serem novamente aproveitados pela geração seguinte. Tudo isso demonstra, então, o seu valor na história e na vida das pessoas. Cachel e Pinto (2011, p. 129) ainda reforçam:

Brincadeiras e brinquedos tornaram-se patrimônio cultural da comunidade e passaram a fazer parte do folclore – são passados de geração em geração sem saber ao certo quem descobriu o que; porém, os valores intrínsecos a eles são preservados.

Um dos principais pedagogos a abordar questões dos jogos e brinquedos, o alemão Friedrich Froebel, também foi um dos primeiros a falar da infância, nos seus anos iniciais, como uma fase decisiva na formação do ser humano. Ele acreditava que a criança era como uma planta em sua fase de formação e, por isso, exigia muitos cuidados para crescer saudável.

Froebel desenvolveu algumas técnicas para a Educação Infantil, muito utilizadas até hoje, e, entre elas, abordou fortemente a questão da importância do brincar. “Para ele, as brincadeiras são o primeiro recurso da aprendizagem na infância. Não são apenas diversão, mas um modo de criar representações do mundo concreto com a finalidade de entendê-lo.” (FERRARI, 2008, p. 36).

Foi depois de analisar as crianças de diferentes idades que Froebel desenvolveu alguns brinquedos, reforçando mais uma vez a importância do brincar para o desenvolvimento infantil, que permitiam uma educação voltada para o treino de habilidades já possuídas e o treino para surgimento de novas.

De acordo com Ferrari (2008), desta forma seria possível que os alunos exteriorizassem seu mundo interno e interiorizassem as novidades vindas de fora o que, segundo o pensador, era um dos fundamentos principais do aprendizado.

Froebel também criou o *Kindergarten* (jardim de infância), na Alemanha, em meados de 1837. Um ambiente educativo voltado para crianças acima de três anos, onde predominavam práticas da auto-educação, geradas pelos interesses e desejos das crianças principalmente na sua interação com jogos e brinquedos.

Por fim, Santos e Jesus (2016, p. 3), afirmam que Froebel criou seus brinquedos educativos chamando-os de dons, pois tinham como objetivo desenvolver nas crianças os seus próprios dons, inteligência e sua essência humana. Assim, Froebel elegia a brincadeira e os brinquedos como mediadores do processo de conhecimento do mundo e de si mesma pela criança.

Por que brincar? É isso que garante que o cérebro – e nas crianças quase sempre o corpo – fique estimulado e ativo. Isso, por sua vez, motiva e desafia o participante tanto a dominar o que é familiar quanto a responder ao desconhecido em termos de obter informações, conhecimentos, habilidades e entendimentos (MOYLES, 2002, p. 20 apud CACHEL, PINTO, 2011, p. 126).

Com o passar do tempo, os espaços e a forma de brincar foram se transformando para se adequarem ao crescimento, desenvolvimento e necessidades das cidades, do dia a dia, das crianças da nova geração e, principalmente, do avanço tecnológico, que trouxe uma experiência mais “industrializada” ao processo de brincar.

Porém, independente de épocas, a brincadeira tem sido uma poderosa ferramenta de inserção na sociedade. É por meio dela que, em qualquer fase, a criança consegue ter acesso a abordagens como valores, crenças, hábitos, costumes, regras, moral e ética, de forma lúdica.

Isso ocorre porque o brincar é um ato espontâneo da criança e acontece desde o seu nascimento. A exploração de seu corpo e do corpo de sua mãe como uma forma de brincar, por exemplo, que ela faz ainda com poucos meses de vida e que é parte de um processo criativo, pois está constantemente buscando descobrir algo novo. Isso, de forma geral, facilita seu crescimento, suas formas de se relacionar e de se comunicar.

O brincar tem papel fundamental no processo de desenvolvimento infantil, interligando profundamente todas as funções cognitivas, entre elas o afeto, a linguagem, a percepção, a motricidade, o pensamento e a memória. A apropriação de símbolos sociais e o equilíbrio afetivo da criança também são construídos por meio das possibilidades e características das brincadeiras (a comunicação que a envolve, a negociação de regras que foram estabelecidas e a transformação de papéis assumidos durante o processo) (CACHEL, PINTO, 2011, p. 136).

O brincar não é somente uma questão pedagógica, mas também prevista em lei. De acordo com a Agência Senado (2016), é um direito garantido e preceituado pela ONU desde 1959 e fortalecida pela Convenção dos Direitos da Criança em 1989. Neste, enfatiza que “toda criança terá o direito a brincar e a divertir-se, cabendo à sociedade e às autoridades públicas garantirem a ela o exercício pleno desse direito”.

A legislação brasileira também reconhece explicitamente o direito de brincar, tanto na Constituição Federal (1988), artigo 227, quanto no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (1990), artigos 4º e 16º, mas, de acordo com a Agência Senado (2016), ainda não oferece as condições para que esse direito seja exercido plenamente por todas as crianças.

O reconhecimento da importância do brincar também está presente na BNCC - Base Nacional Comum Curricular, que está em fase de implementação, que define como “brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais”.

Fato é que, tendo o brincar como direito da criança, fortalece a importância deste processo, principalmente, em ambientes escolares, e também reforça a prática para que as crianças cresçam seguras e autoconfiantes de suas capacidades e possam trabalhar cada vez mais o autoconhecimento.

O desenvolvimento da criança de 0 a 3 anos

Como já foi visto, o brincar é eminente em todas as fases da infância, porém, a primeira infância, especialmente os três primeiros anos de vida, são os mais importantes para o desenvolvimento do ser humano.

De acordo com Cachel e Pinto é neste período que todas as vivências experimentadas terão influência e ficarão registradas em algum lugar na memória.

Até os dois anos de idade, o cérebro tem 80% do tamanho adulto. Mas ele nunca para de se desenvolver. Nos primeiros três anos de vida, o potencial é enorme e costuma ser pouco explorado. Essa é a fase crucial para estimular as áreas do lobo frontal associadas a linguagem, movimento, cognição social, autorregulação e solução de problemas. Os resultados vão se refletir por toda a vida (CACHEL, PINTO, 2011, p. 34 *apud* GISELA, BLANCO, 2011).

Como parte deste processo, a criança se desenvolve em diversos aspectos. O físico, por exemplo, se refere às alterações corporais que acontecem durante os anos. De acordo com Cachel e Pinto (2011, 0. 34), o crescimento dos bebês é muito rápido. Em três meses de vida, eles já estão com o dobro do peso do seu nascimento e, ao completarem o primeiro aniversário, esse peso triplica. Cerca de 40% de toda a energia do corpo dedica-se ao ato de crescer.

Outro aspecto importante e muito conhecido abordado por eles é o desenvolvimento cognitivo, relativo ao conhecimento da criança, a sua prática de vida e às experiências vivenciadas que afetam a memória, a linguagem e o pensamento.

Jean Piaget, referência em pesquisa sobre desenvolvimento mental na década de 1920, afirmou que crianças compreendem o mundo pelas experimentações que são aguçadas pela curiosidade infantil inata. Piaget reforçou ainda que elas criam suas próprias teorias em cima de suas experiências vivenciadas.

Há também o desenvolvimento motor que, nesta fase da vida, é extremamente importante. A criança nasce praticamente imóvel e aos poucos consegue se desenvolver de forma cada vez mais independente. De acordo com Cachel e Pinto (2011, p. 57):

O desenvolvimento motor exige também o desenvolvimento de várias habilidades organizadas e reorganizadas mentalmente em função da tarefa específica que lhe é pedida. Para andar, por exemplo, o bebê precisa de equilíbrio para se manter em pé, de movimentos de cada membro do corpo durante a caminhada, precisa perceber o meio ambiente com todos os obstáculos que a ele pertence, ter necessidade ou querer se descolar, e assim por diante.

Um desenvolvimento também muito importante é o social, que vai desde as interações entre as crianças e/ou pessoas adultas até a relação com ambiente em que vive, de forma direta ou indireta.

Cachel e Pinto (2011, p. 57) destacam que é mediante o processo de socialização que as crianças obterão modelos, bases, normas, valores e conhecimentos da sociedade em que estão inseridas. Também reforça que é a partir das possibilidades de interação que se torna possível o processo de autonomia tão importante para o amadurecimento

Por último é abordado o desenvolvimento afetivo, que são todas as trocas e manifestações de emoções, sentimentos e paixões. Também de dores, prazeres, satisfações e insatisfações, agrados ou desagradados, alegrias ou tristezas. Para (CACHEL e PINTO, 2011, p. 70 *apud* MOYLES, 2010, p. 233):

As crianças refletem aquilo que experimentam enquanto bebês; portanto, se vivenciarem desde cedo a confiança e a empatia, serão crianças que saberão interagir com segurança e habilidade na idade pré-escolar. No entanto, se as primeiras experiências afetivas não forem bem-sucedidas, mais tarde encontrarão problemas nas interações com outras pessoas. É evidente que o vínculo entre a criança e o adulto de referência trará a ela a segurança e a confiança tão necessárias para a credibilidade em outras pessoas adultas.

Há vários teóricos que contribuíram de forma grandiosa para o estudo do desenvolvimento da criança e, um dos mais conhecidos e ainda estudados atualmente é o pensador Lev Vygotsky. Suas teorias, que são de caráter construtivista, influenciam o estudo da primeira infância e permeiam práticas e estilos de educação.

Para Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo da criança se dá por meio das relações sociais em todas as suas fases, ou seja, da sua interação com outros indivíduos e ambientes, necessariamente ligados aos aspectos sociais.

O site Jornada Edu (2019) diz que, nesta teoria, a criança internaliza as interações com o ambiente e é por isso que ocorre o desenvolvimento, ou seja, de fora para dentro. Neste ponto, então, a cultura se torna uma das principais influências deste processo.

Percebe-se que o processo de aprendizagem é feito a partir de trocas, onde se faz necessário alguém para aprender e alguém para ensinar e, de acordo com Vygotsky, é na escola onde tudo isso será vivenciado e onde a criança associará suas ações com o mundo em que está inserida.

Para o site Jornada Edu (2019), quando passa a frequentar a escola a criança participa de um intercâmbio social, dando novos sentidos às palavras, através da intervenção do professor e as interações

sociais com os colegas, Vygotsky (apud Jornada Edu, 2019) “a criança necessita de atividades específicas que proporcionem o aprendizado, pois seu desenvolvimento é dependente dessa aprendizagem por intermédio das experiências e interações em que foi submetida. O professor é o mediador desse processo, por ser o mais experiente e planejar suas intervenções.”

E por necessitar de atividades específicas e de mediadores como professores, entende-se, então, o papel do ambiente escolar. É principalmente dentro da escola, e no caso das crianças de 0 a 3 anos, da creche, que é possível trabalhar na aprendizagem utilizando os brinquedos e brincadeiras.

Segundo o site Jornada Edu (2019), com o olhar da teoria de Vygotsky, o brincar de forma lúdica e livre, mediada pelo professor, “permite que a criança desenvolva a capacidade de tomar decisões, expressar sentimentos, conhecer a si e ao mundo, além de despertar a criatividade e solucionar problemas”.

Ssim sendo é fundamental para o desenvolvimento da criança, da sua linguagem e pensamento, que ocorram relações e interações com o meio cultural e social no qual está inserida.

Creche – um ambiente de interação social e educacional

A nossa sociedade está sempre passando por profundas mudanças. Mudam-se as famílias, suas composições e funções, os meios de comunicação e, também, a forma como se conduz a educação.

Com todas essas alterações, também há mudanças nas crianças, seres inseridos em uma sociedade que compartilham de determinadas culturas e, ainda, são impactadas pelo meio social em que se desenvolvem e contribuem. Um dos meios sociais mais importantes que elas convivem é a Creche.

No passado, as Creches eram vistas puramente como um espaço assistencialista, de cuidados, de direito da mãe trabalhadora e não da criança. Elas funcionavam em período integral, centrando seu atendimento em aspectos de higiene, alimentação e saúde das crianças, evidenciando o formato público e filantrópico da época.

Como enfatiza Cachel e Pinto (2011, p. 20), “o cuidado era para a classe dos trabalhadores, que necessitavam de um espaço onde seus filhos fossem “guardados”, assegurando-lhes o bem estar apenas físico”.

Os autores trazem também aspectos da legislação em relação às Creches, como a primeira iniciativa legal para ajuste desta situação, que foi a Constituição Federal (CF) de 1988, defendendo a ideia da criança como cidadã, sujeito de direitos, rompendo a visão da Creche como alternativa filantrópica.

Outros documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente, de 1990, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, de 1996, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil,

de 1998, e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, de 1999, iniciaram a orientação de que as Creches devem promover a integração entre o educar e o cuidar.

Então, com o avançar de todas essas e outras legislações, o termo “Creche” foi redefinido como uma etapa da Educação Infantil, que deve atender crianças de 0 a 3 anos independentemente da classe social.

Com essa mudança de finalidade e objetivos, tornou-se um ambiente importante de socialização onde as crianças obtêm modelos, valores, normas e conhecimentos da sociedade. Porém, antes de entrarem neste ambiente, o contato com a família sempre será a primeira instituição a qual faz parte.

É a convivência com a família que, de acordo com o Cachel e Pinto (2011, p. 60), trará condições de auxílio e amparo e respostas às suas necessidades. “Essas experimentações tornam-se pontos primordiais para o contato com outros seres humanos”. A Creche passa, então, a ser a segunda instituição social da qual o bebê faz parte.

Aos poucos a criança vai percebendo-se como integrante de um grupo no qual se relaciona (seja família ou Creche), e é nessa percepção que haverá o amadurecimento de habilidades que favorecem a diferenciação entre o que é ambiente familiar e o que é ambiente externo, aprendendo, em um processo contínuo, as possibilidades de interação nele e com ele e tornando possível o processo de autonomia tão necessário para o amadurecimento (CACHÉL, PINTO, 2011, p. 61).

Na Creche, a criança encontrará situações específicas para aprender através de regras, limites e também de atividades e rotinas pré-estabelecidas e possibilitadas pelo professor mediador. Dentro deste contexto, então, é importante refletir, primeiramente, sobre o espaço físico e sobre as rotinas aplicadas neste ambiente.

A relação espaço x aprendizagem

As crianças que frequentam a Creche acabam permanecendo muito tempo do dia nela. Esse espaço precisa ser agradável, flexível, acolhedor, mas também desafiador, proporcionar o brincar e o desenvolvimento infantil nos campos cognitivo, social, motor e, ainda, com muita segurança.

É importante para a criança, desde o seu nascimento, conviver em ambientes que ofereçam liberdade de movimento, que possibilitem a sua socialização com o mundo e com as pessoas. Segundo Maser (s.d. *apud* Lima 2001, p.16) “o espaço é muito importante para a criança pequena, pois muitas das aprendizagens que ela realizará em seus primeiros anos de vida estão ligadas aos espaços disponíveis e/ou acessíveis a ela”.

Pensando em acessibilidade, é importante que objetos pessoais e brinquedos estejam ao alcance das crianças, que possibilitem sua autonomia e sua socialização para que o desenvolvimento aconteça. Um ambiente, por exemplo, que estimule o sentido, as texturas, o andar, subir e descer.

De acordo com Cachel e Pinto (2011, p. 86) “o espaço destinado às crianças deve promover a exploração, a manipulação, a experimentação e a descoberta, instigando sempre a curiosidade, a imaginação e a aprendizagem”. Maser (s.d. *apud* Carvalho e Rubiano, 2001, p.109), afirma que:

Todos os ambientes construídos para crianças deveriam atender cinco funções relativas ao desenvolvimento infantil, no sentido de promover: identidade pessoal, desenvolvimento de competência, oportunidades para crescimento, sensação de segurança e confiança, bem como oportunidades para contato social e privacidade.

Também é importante entender que a Creche precisa ser um ambiente que atravesse as quatro paredes de uma sala. É preciso pensar em estratégias que possibilitem a exploração e participação em diferentes lugares, mesmo dos bebês que ainda não possuem tal autonomia.

O planejamento deve prever o trabalho pedagógico ao ar livre e em outros espaços, possibilitando o contato com a natureza, com os colegas e com as situações desafiantes. Assim, devemos compreender o espaço externo como ampliação da sala de referência, devendo ser pensado, também, com intencionalidade (CACHEL, PINTO, 2011, p. 95).

Por fim, entendemos que a organização dos espaços na educação infantil é fundamental para o desenvolvimento da criança. A partir dela conseguimos potencializar habilidades e propor novas possibilidades. Um ambiente construído para a criança e por ela é altamente eficaz no seu processo de relações.

A importância do planejamento e da rotina

O planejamento é algo natural e faz parte da nossa vida cotidiana. Nos planejamos do momento em que acordamos até quando vamos dormir. Isso ocorre, muitas vezes sem nem percebermos, porque já faz parte da nossa rotina internalizada.

É ao planejar que conseguimos antever ações, prevendo atingir objetivos de acordo com as necessidades. Cachel e Pinto (2011, p. 157, *apud* MORETTO 2010, p. 119) referem que “chamamos de planejamento a dinâmica de compreender, analisar, propor, prever.”

Dentro deste conceito podemos utilizar de perguntas para, primeiro, nos remeter ao contexto, aos objetivos que queremos alcançar e aos recursos, estratégias, metodologistas e procedimentos que podemos utilizar.

No âmbito da Educação, este aspecto estratégico ajuda a garantir ainda mais o desenvolvimento infantil. Uma vez que a brincadeira proporciona diversos benefícios, permite o amadurecimento das relações, se torna ainda mais importante ter intencionalidade nesse processo, no uso de cada espaço e materiais, enriquecendo as experiências e vivências das crianças.

Cachel e Pinto (2011, p. 156) acreditam que, para os bebês, demorou-se mais para se reconhecer a necessidade de um planejamento estruturado e com intencionalidade. O simples relato da rotina já era suficiente, pois pautava-se apenas nos cuidados.

No entanto, com todo o avanço constitucional e legislativo, bem como teórico, prático e metodológico acerca da Creche, houve e há necessidade de se repensar o planejamento, com base na responsabilidade para com a criança, seu desenvolvimento e sua aprendizagem. Com certeza, esse panorama exige um trabalho intencional e de qualidade, por consequência, planejado (CACHEL, PINTO, 2011, p. 156).

O planejamento pedagógico, na prática, deve ser funcional, sistematizado, registrado e periodicamente revisado. Além de atender às normas, ele servirá para orientar as ações do Educador que deve encará-lo como um comprometimento na busca de uma prática de qualidade.

A prática não registrada, planejada de maneira intencional, principalmente com bebês e crianças pequenas, corre o risco de cair em ações mecânicas, centradas apenas no cuidado da troca de fraldas, alimentação, atendimento ao choro, sono, colo e banho. Nesse contexto, provavelmente, qualquer tentativa de desenvolver outra atividade dará errado, pois não foram direcionados os materiais necessários, o tempo, a organização do espaço e seu objetivo (CACHEL, PINTO, 2011, p. 158).

Cachel e Pinto (2011, p. 159) trazem oito estratégias interessantes para reflexão para facilitar o planejar. A primeira delas é a estratégia da desconstrução da ideia de que planejamento deve ser burocrático. “Precisamos compreender que o planejamento pode vir a cumprir esse objetivo também, mas ele se propõe, primeiramente, a ser nosso aliado, nosso parceiro diário”

A segunda estratégia é a da compreensão da finalidade do planejamento, que não é só determinar os conteúdos, objetivos, metodologias e estratégias mais adequadas, mas sim, de organizar o trabalho com a criança. Planeja-se acreditando nas possibilidades de crescimento.

O planejar envolve o pensar em cada criança e no grupo ao mesmo tempo, pensar nas características do desenvolvimento infantil, nos gostos, preferências, dificuldades e potencialidades. Não a turma idealizada e, sim, aquela que você precisa conhecer cada dia mais, na intenção de traçar planos e ações (CACHEL, PINTO, 2011, p. 159).

A terceira estratégia diz sobre a postura do professor de fazer acontecer o proposto, mesmo diante de adversidades. Para CACHEL, PINTO (2011, p. 159) “é assumir o planejamento como meta para facilitar o alcance de uma prática de qualidade. O que foi planejado precisa ser concretizado”.

Já a quarta estratégia contempla a flexibilidade, pois considera-se o trabalho com bebês e crianças pequenas cheio de imprevistos e novidades. Nessa situação, o professor deve ter uma observação atenta e, na interação, perceber de que maneira pode acolher essas novidades. A flexibilidade existe quando é possível pensar, revisar e buscar novos significados à prática.

[...] a flexibilização pressupõe a capacidade do professor de agir dentro da reflexão-na-ação; para flexibilizar, o professor precisa ter recursos para identificar as necessidades de modificação do que foi planejado, reavaliar, replanejar e executar em novo contexto (CACHEL, PINTO, 2011, p. 162 *apud* MORETO, 2010, p. 119).

A quinta estratégia diz respeito ao tempo, que também está ligado à flexibilização: tempo para a criança dentro do planejamento e tempo do professor para realizar esse planejamento. “O tempo é alicerce para o trabalho de qualidade do professor e precisa de organização para acontecer. Lembramos que o tempo, à medida que é construído, será muito melhor aproveitado se for bem planejado”. (CACHEL, PINTO, 2011, p. 163).

Já na sexta estratégia é possível refletir sobre o planejamento de forma coletiva, participativa. Cada profissional da Creche possui sua função específica, mas a opinião de colegas de profissão, a troca de informações, reflexões configuram-se como um importante recurso. “Assim, o planejamento será mais rico, pois irá considerar as inúmeras possibilidades oriundas do diálogo, do respeito do ponto de vista do próximo e da revisão do próprio ponto de vista” (CACHEL, PINTO, 2011, p. 164).

A sétima estratégia fala sobre planejamento reflexivo, que é o planejar com intencionalidade. Esse processo torna-se reflexivo quando o professor consegue, segundo os autores, “perceber quais as reais necessidades da turma e, ainda, em que medida sua postura, intervenção e planejamento podem auxiliar ou não o desenvolvimento integral infantil”.

Por último, a oitava estratégia aborda a questão do registro do planejamento, uma ferramenta que deve direcionar a reflexão contínua sobre o ato de educar e cuidar das crianças.

Para efetivar o planejamento, é importante que exista uma rotina, ou seja, uma sequência de determinadas ações, a repetição de algo já estabelecido e naturalizado. De acordo com Germano e Jesus (2013, p. 10), para a educação infantil a rotina diz respeito ao “tempo de trabalho educativo que se tem com as crianças, no qual deve conter cuidados, brincadeiras e atividades que desenvolvam a aprendizagem orientada por um educador”.

O objetivo da rotina, então, é organizar e situar o aluno, mas também o professor na elaboração e realização das atividades previamente planejadas. Esta prática proporciona à criança sentimentos de estabilidade e segurança e, ao educador, a possibilidade de atuar com confiança e autonomia.

De acordo com o Cachel e Pinto (2011, p. 106) para crianças de até 3 anos, além da rotina garantir o conforto e segurança, também permite que eles descubram seus limites e entendam que nem tudo pode ser realizado na hora e do jeito que desejarem. Os autores ainda afirmam: “a rotina, quando pensada pela especificidade do trabalho pedagógico com crianças, pode auxiliar na organização do cotidiano, principalmente quando os horários culminam com as necessidades, o ritmo biológico e social infantil”.

Germano e Jesus (2013, p. 10) reforça, por fim, que “uma rotina estabelecida, flexível, dinâmica e possível de ser adaptada com as situações do dia a dia é, assim como um planejamento adequado, uma ferramenta indispensável para o cotidiano da Educação Infantil.”

Entretanto, para que tudo isso se configure como reflexivo, participativo e flexível é importante que exista a avaliação de todo o percurso. O planejamento e a avaliação devem ser uma relação indissociável e que fazem parte da rotina do educador. Cachel e Pinto (2011, p. 166) dizem que “se o planejamento precisa ser norteador de nossas ações, a avaliação precisa se configurar como a bússola, mostrando se estamos no rumo certo”.

A intervenção e postura do Educador

Existe um papel que precisa ser muito ativo neste processo, que é o do Educador. Antes mesmo de qualquer processo acontecer, este profissional precisa estar comprometido com a educação e acreditar que é por meio dela que a diferença acontecerá.

O trabalho direto com crianças pequenas exige que o professor tenha uma competência polivalente. Ser polivalente significa que ao professor sabe trabalhar com conteúdos de naturezas diversas que abrangem desde cuidados básicos essenciais até conhecimentos específicos provenientes das diversas áreas do conhecimento. Este caráter polivalente demanda, por sua vez, uma formação bastante ampla do profissional que deve tornar-se, ele também, um aprendiz, refletindo constantemente sobre sua prática, debatendo com seus pares, dialogando com as famílias e a comunidade e buscando informações necessárias para o trabalho que desenvolve (CACHEL, PINTO, 2011, p. 176 *apud* RCNEO, 1998, v.1, p.41).

Pode-se reforçar, então, de acordo com Hank (2006), que o educador é um mediador entre as crianças e os objetivos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança.

O professor como a pessoa mais experiente, deverá intervir quando necessário. Além de educar, deve ser parceiro da criança nas brincadeiras e atividades, proporcionando momentos de interação, garantindo um ambiente rico, prazeroso, saudável, com experiências educativas mas também de relações sociais, possibilitando, então, o desenvolvimento infantil.

Consciente da importância da ação que realiza, possibilitando mediações de várias naturezas, o adulto passa a atender os processos da criança com um significado que só pode ser construído tendo como referencial a criança no período de formação em que ela está e não no adulto feito que será (HANK, 2006, *apud* LIMA, 2001, p. 25).

Em relação ao brincar, segundo Hank (2006, *apud* BRASIL, 1998, p. 28), “o papel do professor deve ser de considerá-la uma ferramenta para observar e constituir uma visão dos processos de desenvolvimento das crianças em grupo e também em particular, registrando suas capacidades de uso das linguagens, assim como as sociais, afetivas e emocionais que vivenciam”.

Hank (2006 *apud* BRASIL, 1998, p. 28) ainda reforça que “cabe ao educador planejar os espaços para a criança e com a criança, visando o meio cultural em que está inserida, promovendo interações em grupos para que possam assim: criar, trocar saberes, imaginar, construir e, principalmente, brincar”.

Cabe também contribuir para o desenvolvimento da criança e não apenas permitir toda e qualquer ação, sem intencionalidade.

O envolvimento familiar

A família é a primeira escola da criança. É o primeiro grupo social no qual ela interage, trazendo um grande valor perante a sociedade por ser lugar dos primeiros laços de convivência humana em que a criança se encontra. É nela que ela aprende a viver com normas e estruturas sociais, tornando-se a base da formação do ser humano.

Deve-se levar em consideração que na fase da infância, a criança reproduz na escola as atitudes que presencia ou compartilha dentro de casa e vice-versa. Por isso, é importante que exista uma relação entre Creche e família, podendo juntas promover situações complementares e significativas de aprendizagem.

Apesar de haver diferenças distintas entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos comuns entre elas (Epstein, 1987; Haddad, 1987). Criar condições, ambientes e atividades favoráveis para o desenvolvimento da criança é um dos objetivos (e desejos) comuns de ambas as instituições. A família e a escola dividem e partilham suas responsabilidades no que diz respeito à educação e a socialização das crianças (Epstein, 1987). Desta forma, o envolvimento de pais na escola/creche é, atualmente, considerado um componente importante e necessário para o sucesso das crianças.” (BHERING, NEZ, 2002, p. 2)

Ainda segundo Nez e Bhering (2002, p. 2) “pais que estão envolvidos na escolaridade dos filhos desenvolvem uma atitude mais positiva com relação à escola e com relação a si mesmos”. Com isso, eles acabam tornando-se mais ativos até na sua comunidade e melhorando também seu relacionamento com os filhos.

Na prática, existe uma grande importância também, por parte dos educadores, de passar segurança para os pais mediante sua postura profissional. De acordo com Cachel e Pinto (2011, p. 186), ao educador cabe explicar “tudo o que vai acontecer para a família: os procedimentos, a rotina, os horários, do atendimento ao choro. A cordialidade, o sorriso e a disponibilidade no acolhimento a essa criança e a sua família também contribuem para passar segurança.”

Por fim, é possível concluir que uma relação de confiança entre a família e escola para que a criança tenha mais segurança ao explorar o mundo e descobrir a sua própria identidade. Em relação a família, quando há confiança na Creche e participação na educação dos filhos, eles podem dar continuidade às experiências realizadas pelas crianças, no período escolar, dentro de casa. Da mesma forma, a escola também pode contribuir potencializando a relação familiar e envolvendo aprendizagens dessa relação ao seu contexto pedagógico.

Da Teoria À Prática

A pesquisa aborda reflexões e aspectos práticos da aplicação do brincar em sala de aula, enfatizando a importância que as brincadeiras, quando planejadas e com intencionalidade, têm para o desenvolvimento infantil de crianças de 0 a 3 anos.

Como metodologia para o desenvolvimento e embasamento da pesquisa, foi utilizada a pesquisa bibliográfica com o objetivo de coletar dados, exemplos, situações e análises a partir de dois livros relacionados ao tema e conforme citados abaixo.

Do “O Livro de Referência para Atuação Docente”

O primeiro material analisado, “O Livro de Referência para Atuação Docente”, da Editora Positivo, publicado em 2011 e escrito por Aline Pinto e Jocéris Gapski Cachel, tem como objetivo contribuir para a formação continuada de educadores que atuam em Creches, trazendo reflexões e conhecimentos práticos.

A primeira estratégia explorada pelo Livro é a dos “cantinhos”, que diz respeito à boa utilização dos espaços, conforme já visto, os quais o dividem conforme uma temática a ser trabalhada em sala de aula, criando cenários para exploração e aprendizagem, além de incentivar a criatividade.

Esses espaços devem ser planejados e organizados conforme as características do desenvolvimento das crianças, de acordo com sua faixa etária. Para cada fase do desenvolvimento, o educador deve pensar em um cantinho que atenda às características mais marcantes dessa idade.

É importante que esses cantinhos sejam sempre reorganizados, para que continuem despertando a curiosidade e o desafio. No geral, podem ficar montados por um mês, mas não há regras, o importante é que todas as crianças possam explorar o ambiente. Para enfatizar o brincar, podem ser utilizados alguns exemplos de cantinhos, de acordo com Cachel e Pinto (2011, p. 84):

- Literatura: com livros de fácil acesso é possível desenvolver o comportamento de leitor e oportunizar o contato com a literatura e seus benefícios
- Fantasia: estimular a imaginação, o brincar e o simbólico
- Bonecas: estimular o faz de conta, o início do jogo com regras preestabelecidas, focando a autonomia e identidade
- Sons: ouvir, perceber e diferenciar os diversos sons e barulhos que acontecem durante o brincar
- Sucatas: brincar, explorar, manusear e distinguir progressivamente tamanhos, cores, formas, volumes, peso, etc.
- Montagens: permitir que a criança explore diferentes possibilidades através do empilhar, montar, desmontar, etc.
- Caixas: com diferentes tamanhos e objetos dentro, a criança consegue explorar a curiosidade mediante elementos-surpresa, os quais, se bem planejados, podem focar diferentes objetivos de desenvolvimento.

Um outro exemplo abordado por Cachel e Pinto (2011, p. 89) e grande aliado no trabalho com consciência corporal, identidade e autonomia, é o espelho, peça fundamental em qualquer sala de Educação Infantil. Como forma de brincar e, ainda, trabalhar todo esse desenvolvimento, existem possibilidades práticas.

Nesta opção, com o olhar do brincar o educador pode propor um jogo de imitação ou compor com acessórios diversificados como chapéus, óculos, colares e tecidos, por exemplo. Há também a sugestão de pintar no espelho diferentes formas coloridas ou, até mesmo, fazer desenhos que instiguem a observação infantil em diferentes ângulos.

Em relação aos berços, Cachel e Pinto (2011, p. 91) dizem que “muitas Creches acabam que por ocupando todo o espaço da sala com eles, o que limita a exploração e a organização deste espaço para realizar atividades e brincadeiras.” Porém, se utilizados com intencionalidade, além de ser um objetivo propriamente para local de repouso, os berços podem servir de elementos móveis interessantes no brincar.

Há opção de, por exemplo, ser suporte de diferentes maneiras para organizar diferentes espaços como cabaninhas, piscina de bolinhas ou de bexigas. São boas estratégias para incentivar a criatividade dos professores e alunos, sem perder a intencionalidade, aproveitando recursos já disponíveis em sala.

O último exemplo explorado pelos autores aborda os tapetes sensoriais. Conforme o desenvolvimento dos pequenos, principalmente com bebês, o chão torna-se objeto de exploração e brincadeiras, onde rasteja, sentam, engatinham, por isso, antes de tudo, é indicado a utilização de tapetes ou tatames de placas de borracha.

Para aproveitar esta alternativa, pode se tornar mais um cenário que convida as crianças para atividades de desenvolvimento como, por exemplo, utilizando-os para trabalhar as sensações.

Essa proposta visa estimular o sensorial e pode compor, também, um dos cantinhos conforme já mencionado. Segundo Cachel e Pinto (2011, p. 92) “pode ser feito de retalhos, tecidos de diferentes texturas, lixas, plástico bolha e outros materiais de estejam disponíveis. Neste momento, é importante estimular as crianças a explora-los com as mãos, pés e outras partes do corpo também.”

Especificamente sobre os brinquedos, os autores acreditam que é importante que seja trabalhada a qualidade deles, e não a quantidade, sempre considerando sua intencionalidade, interação e curiosidade. Ao organizá-los, deve-se considerar deixar ao alcance das crianças de forma que permitam sua visualização e, para ampliar o acervo, podem ser propostos rodízios entre salas.

É visto então que, todos os espaços e atividades destinadas às crianças para o brincar, devem promover a exploração, a manipulação, a experimentação e a descoberta, como também devem instigar a curiosidade, a imaginação, a aprendizagem e o desenvolvimento infantil.

E, além de todo o planejamento e organização necessários para que estas atividades aconteçam, é papel do educador responsável fazer ainda a seleção do material com antecedência, organizar o tempo, auxiliar as crianças nas explorações e movimentações, enfim, ser mediador entre o cuidar e o educar, evidenciando que todo esse processo pode, e deve ser muito divertido e prazeroso.

E: “Educação de 0 a 3 anos: o Atendimento em Creche”

Este segundo material, produzido pelas autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson em 2006, “Educação de 0 a 3 anos: o Atendimento em Creches”, traz referenciais teóricos e pesquisas de desenvolvimento infantil aplicadas na prática cotidiana. O foco principal é o cuidado das crianças em Creches, mas com uma linguagem mais voltada para os educadores, gestores e administradores dos serviços. As ideias e reflexões apresentadas foram desenvolvidas e testadas em Creches e centros familiares, orientações sobre brinquedos educativos.

Para iniciar este contexto, as autoras começam falando sobre o primeiro ano de vida do bebê e sobre uma das importantes maneiras pelas quais o brincar e o aprendizado dos bebês podem ser estimulados, tão logo possam se sentar confortavelmente: o Cesto de Tesouros.

Sabemos que os cérebros dos bebês estão crescendo mais rapidamente do que em qualquer outro período de suas vidas, e que se desenvolvem ao responder a fluxos de informações advindas das cercanias, pelos sentidos do tato, olfato, paladar, audição, visão e movimento corporal (GOLDSHMIED, JACKSON, 2016, p. 114).

O Cesto de Tesouros reúne e oferece, então, diferentes estímulos para aguçar esses sentidos. O uso com intencionalidade consiste em uma maneira de assegurar a riqueza das experiências do bebê em um momento que o cérebro está pronto para receber, fazer conexões e utilizar essas informações.

Para as autoras, não é necessário que nenhum dos brinquedos sejam “comprados”. É a partir da observação de objetos do ambiente do lar que mais interessam as crianças que esse Cesto é montado, por esse modo essa é uma atividade que pode ser realizada tanto em casa como na Creche.

Quando bem abastecido, oferecido por um adulto atento, este tipo de brinquedo pode proporcionar experiências interessantes capacitando o bebê a buscar uma aprendizagem pela qual ele estava ansioso.

Ao observar proximamente um bebê com os objetos contidos no Cesto do Tesouros, podemos perceber quantas coisas diferentes ele faz com eles, olhando-os, tocando, apanhando-os, colocando-os na boca, lambendo-os, balançando-os, batendo com eles no chão, juntando-os, deixando-os cair, selecionando e descartando o que atrai ou não (GOLDSHMIED, JACKSON, 2016, p. 115).

Assim que o Cesto de Tesouros tenha sido montado, ele oferece oportunidades infinitas para o processo de tomada de decisões da criança. O professor ou o adulto responsável deve, neste momento, apenas assegurar-se de que os itens estejam sempre limpos e que o Cesto seja regularmente suprido por

novos objetos, para que ativamente incentive a criatividade por novas descobertas. Não é o momento de intervir, mas sim de observar atentamente,

Goldschmied e Jackson sugerem alguns itens para compor o Cesto do Tesouros, que devem oferecer o máximo de interesse por meio de tato (textura, formato, peso), olfato (uma variedade de cheiros), paladar (tem um alcance mais limitado, porém possível), audição (sons como campainhas, tilintar, batidas, coisa sendo amassadas) e visão (cor, forma, comprimento, brilho).

Dentro desses sentidos, com total atenção à segurança dos itens para manuseio dos bebês, deve ser priorizado somente o uso de objetos mais naturais possíveis como, por exemplo: esponjas, penas, rolhas, frutas, pedras, bolas de lã, escovas de dente, pincel, chocalhos, colheres, pregadores de roupa, espremedor de frutas, batedor de ovos, espelho, trompetes de brinquedo, sinos, tampas, bolas de borracha, de tênis, boneca de retalhos, saquinhos de pano com diferentes materiais dentro, papel laminado, cardeno com espiral, etc.

Já para a criança em seu segundo ano de vida, as autoras apresentam um conceito chamado “brincar heurístico com objetivos” que é, basicamente, oferecer a um grupo de crianças, por um determinado período e em um ambiente controlado, uma grande quantidade de tipos diferentes de objetos e receptáculos com os quais elas brincam livremente e sem intervenção de adultos.

Ao utilizar esse conceito específico, a intenção é chamar atenção para a importância desse tipo de atividade exploratória espontânea. Nesta fase do segundo ano de vida, aumentar a mobilidade da criança é o fator principal para habilidades de desenvolvimento.

No segundo ano de vida, as crianças sentem um grande impulso por explorar e descobrir por si mesmas a maneira como os objetos se comportam no espaço quando são manipulados por elas. Precisam de uma ampla gama de objetivos para fazer esse tipo de experiência, objetos que sejam constantemente novos e interessantes, os quais certamente não podem ser comprados de um catálogo de brinquedos (GOLDSHMIED, JACKSON, 2016, p. 148).

Para essa proposta de brincar não há uma única forma correta de fazê-lo, deste modo então, pode ser realizada tanto no ambiente de casa como na Creche. Ela pode ser criada a partir da observação dos professores ou familiares responsáveis, que juntarão seus próprios materiais.

As crianças, a partir da massa de objetos disponíveis, elas selecionam, discriminam e comparam, arrumam em séries, colocam por meio de fendas, empilham, rolam os objetos e testam seu equilíbrio, com concentração, habilidade e manipulação crescente e evidente satisfação.

Tais padrões emergem da atividade corporal das crianças, que se desenvolve naturalmente, desde que eles sejam facilitados pelo ambiente. Elas se relacionam com esse momento de maneira concentrada, enquanto seu brincar imaginativo desenvolve-se rapidamente. “Além do óbvio prazer que as crianças têm com os materiais para o brincar, o brincar heurístico pode ter um papel muito importante

no desenvolvimento da habilidade de concentração. Isso é profundamente associado ao desenvolvimento cognitivo e ao progresso educacional”(GOLDSHMIED, JACKSON, 2016, p. 152).

Para esta atividade, as autoras pontuam que grande parte do trabalho do adulto é feito fora da sessão de brincar. É papel dele coletar objetos, cuidar deles, assegurar que estejam lavados, selecionar e oferecer os objetos, e também guardar os objetos. Além dessas tarefas, o adulto responsável tem o papel essencial de ser um facilitador e observador.

Outro ponto importante reforçado pelas autoras é o de vincular a sessão do brincar heurístico a um sentimento de que é uma ocasião especial. De maneira similar, isso enfatiza a necessidade de tratar o material com cuidado e respeito, mantê-lo em boas condições e guardá-lo com cuidado (neste momento, é importante solicitar a participação das crianças para iniciar o senso de ordem).

É melhor, também, quando há a possibilidade de separar uma sala ou área específica da Creche apenas para o brincar heurístico. Em outros ambientes como em casa, talvez, isso raramente é possível, mas com criatividade é possível estabelecer condições para que essa sessão aconteça.

Em relação aos objetos necessários, se assemelham bastante aos incluídos no Cesto de Tesouros, porém nesse momento devem ser oferecidos a maior variedade de tamanhos, pesos, cores e texturas possível, desde que sejam cuidadosa e intencionalmente escolhidos.

Um dos aspectos atraentes e criativos desses materiais está na infinidade de combinações que vão além da imaginação. As autoras sugerem, para um grupo grande de crianças, por exemplo, 04 sacolas, com 60 itens em cada, para que seja oferecida a possibilidade de 13.871.842 combinações de brinquedos.

Já em seu terceiro ano de vida, as crianças lutam constantemente para afirmar sua autonomia crescente e dar sentido ao mundo que as rodeia. A ferramenta da linguagem para sua compreensão e domínio está em procesos de crescimento, e elas precisam de amplas oportunidades para praticar. Assegurar que isso aconteça requer atenção e planejamento cuidadosos.

Goldschmied e Jackson (2006, p. 173) trazem alguns tipos de brincadeiras que ajudam nesse brincar imaginativo das crianças nesta fase da vida. O primeiro é relacionado ao pintar e desenhar. “Desenhar é uma atividade diferente e requer seu próprio espaço. Utilizando os lápis de cor, a criança começará com rabiscos circulares, passando mais tarde a desenhar uma pessoa provida de cabelo, e adiciona gradualmente outras características físicas”.

Além de desenhar, as crianças desse grupo tornam-se gradativamente mais interessadas por “fazer marcas”, estimuladas por ver os adultos escrevendo. Essa é a idade em que elas escrevem nas paredes.

Neste contexto, outra sugestão de atividade é o cantinho para a escrita, que pode oferecer diferentes tipos de papel, lápis, canetas e marcadores de textos, cadernos, adesivos e calendários, por exemplo.

Outro exemplo de atividade é o brincar com diversas substâncias como areia, argila, barro, farinha e água, alpiste e lentilha, por exemplo. Com dois anos, as crianças se divertem descobrindo o comportamento desses materiais ao manuseá-los diretamente com as mãos. É preciso ter ampla liberdade para fazer essas descobertas, dentro dos limites de ordem e segurança.

Em um estágio posterior, com três anos, podem ser oferecidas bancadas, rolos para massa e forminhas de metal. Assim a farinha, por exemplo, transforma-se em biscoitos que podem ser assados e comidos como produto final reconhecível. Por isso, é importante permitir o primeiro brincar exploratório.

Da mesma forma que acontecesse na sessão do brincar heurístico, o princípio de limpar e organizar ao terminar algo dá um senso de prazer na ordem, por isso também deve ser estimulado através de modelos e exemplos.

Para Goldschmied e Jackson (2006, p. 174), brincadeiras realizadas no ambiente externo também são grandes chances de aprendizagem. “As atividades motoras em larga escala – correr, pular, escalar, escorregar e utilizar brinquedos com rodinhas” – obviamente têm seu lugar no brincar na área externa, porém, neste momento, as autoras observam mais de perto algumas atividades que podem ser dirigidas pelo professor ou adulto responsável.

No jardim, por exemplo, as crianças podem ter acesso a ferramentas adequadas para utilizar nas brincadeiras. Vassouras, carrinhos de mão, regadores, garfos são alguns dos itens que podem compor essa caixa.

Da mesma forma que ocorre em sala de aula, as crianças também podem contribuir para manter o jardim bem cuidado e com uma aparência atraente, ao mesmo tempo em que se divertem. Podem, por exemplo, varrer folhas e juntar papéis com um carrinho de mão e espátulas. Essas atividades podem levar a conversas importantes sobre como manter o meio ambiente livre e cuidado.

Uma outra forma para brincar é criar jardins individuais para as crianças, separando um pneu para cada uma. Esse tipo de canteiro individual é mais fácil de ser cuidado por ela e, quando as plantas crescerem, as crianças ainda podem desenvolver outros tipos de atividades.

As autoras também relatam que esse espaço traz uma oportunidade muito interessante para brincar e, ao mesmo tempo, aprender sobre coisas vivas. Muito antes de chegar aos 3 anos, as crianças já terão aprendido a ter medo e não gostar de alguns insetos e, se professor ou adulto responsável apresentar interesse e respeito por esse animais, pode-se criar um papel significativo na reeducação das crianças.

Como sugestão brincadeira prática para isso, é possível trabalhar com lentes de aumento de plástico, identificando as espécies já vistas em livros em sala de aula, o que pode ser tocado ou não. Descrever esses animais ajuda a desenvolver o vocabulário – cores, sons, formas, etc. Obviamente essa atividade acontece sob supervisão próxima dos professores ou responsáveis.

O valor educacional e lúdico de brincar no jardim, por mais bem projetado que ele seja, dependerá sempre do uso que os professores e adultos fizerem dele. Por meio de um planejamento bem feito, o jardim se torna genuinamente um lugar com infinitas possibilidades para o aprendizado, diversão e desenvolvimento da criança.

Os Desafios do Brincar nas Creches

Foi visto que, para garantir que todos os benefícios do brincar aconteçam com foco principal no desenvolvimento infantil, é mais do que importante que este seja um processo estruturado e realizado com intencionalidade. Tudo isso se torna claro e óbvio, porém, dentro deste contexto, o professor se depara com inúmeros desafios existentes.

Esses desafios acontecem, simplesmente, por estarem lidando com crianças pequenas, que são altamente dinâmicas e contam cada uma, com ritmo próprio. Especialmente as do mundo atual, não se contentam com explicações rasas, elas possuem curiosidade, sensibilidade e capacidade de compreender situações e emoções.

Existem também os desafios que acontecem com as próprias crianças, que em diversos momentos se sentem inseguras e até mesmo amedrontados. Este é o momento que o professor precisa trabalhar demonstrando que esse mundo desconhecido pode ser um lugar seguro, tranquilo, prazeroso e divertido.

Entender o processo de desenvolvimento dos pequenos não é uma tarefa fácil. Por isso, é necessário que o professor esteja preparado, interessado e com disposição para aprender cada vez mais. Um aprendizado que deve ser considerado desde o avanço da tecnologia até as tendências do mundo infantil.

O ambiente da Creche também é bastante desafiador, segundo Cachel e Pinto (2011, p. 76), pois há constantemente que ser trabalhada a compreensão entre o educar e cuidar que, como foi apresentado anteriormente, são trocas indissociáveis, mas que precisam ocupar espaço e tempo correto no ambiente educacional. O professor mediador precisa ter a intenção no cuidar, que é diferente do cuidar que pode ser executado por qualquer outra pessoa.

Neste contexto, a organização diária da Creche sempre estará propensa a situações adversas, então o professor não pode engessar suas ações do dia a dia. Deve saber como criar um planejamento flexível e se adaptar às situações sem perder o foco nas necessidades infantis.

Há também um fator desafiador que é a escolha dos brinquedos corretos para cada momento da aprendizagem. Para essa questão, também é necessário o olhar atento nos pequenos detalhes que farão diferença na hora da brincadeira: O brinquedo chama atenção? É seguro? Durável? Lavável? É divertido, desafiante, instiga a curiosidade e a investigação? Mais uma vez é importante que este processo seja intencional, com objetivo definido diante do que se quer despertar na criança, identificando também as melhores formas de mediar e estimular a brincadeira.

E, além desses desafios, também existem os pertinentes à integração e relação família-Creche. De acordo com Cachel e Pinto (2011, p. 180), “há desde o entendimento da concepção das famílias de hoje, como inseri-las no ambiente educacional, o saber lidar do período de adaptação, a definição dos papéis e responsabilidades até, também, como trabalhar a comunicação como elemento-chave para o sucesso dessa relação”.

Atualmente, inclusive, o mundo passa por um momento desafiador enfrentando uma pandemia devido ao vírus da Covid-19, o que trouxe à necessidade do ensino remoto. Com essa nova metodologia de ensino, especialmente quando se trata da Educação Infantil e de crianças pequenas, os professores precisam se reinventar ainda mais.

De acordo com Pereira (2021), durante esse processo de isolamento social, o maior desafio está sendo gerar atividades lúdicas, jogos e brincadeiras que instiguem as crianças a aprenderem através de *smartphones*, *tablets* e computadores e ainda sem considerar a convivência e interação social que o modo presencial proporciona.

Por fim, esse desafio também acaba impactando os responsáveis que estão dentro de casa e cabe ao professor e às Creches orientarem os familiares de forma prática e estruturada, pois eles se tornam mediadores nas rotinas diárias de tarefas e atividades escolares das crianças.

É possível valorizar o trabalho do brincar e incentivar que ele aconteça no ambiente do lar mostrando todo o aprendizado e desenvolvimento que acontecem com as crianças e explicando que, quando brincam, não estão “perdendo tempo”, mas sim aprendendo, crescendo, descobrindo, explorando e vivendo.

Nas suas atividades diárias o professor convive, então, com a realidade desses elementos importantes. Todos esses desafios podem impactar, de alguma forma, a aplicação de brincadeiras adequadas para o desenvolvimento das crianças, porque o professor precisa trabalhar seu olhar de outra forma, entendendo este processo como um aliado à aprendizagem de seus alunos e não como mais um “obstáculo” a ser enfrentado.

Para transformar esses desafios em oportunidades, o professor deve também ser sensível e perspicaz frente a essas experiências. Cachel e Pinto (2011, p. 8) “defendem que ele precisa acreditar

fielmente que o brincar tem um papel importante no aprendizado e na exploração do mundo que cerca a criança. Caso contrário, terá mais dificuldades em criar formas satisfatórias que para este processo lúdico aconteça”.

Diante de toda essa situação, é necessário que esteja em constante reflexão e análise do seu papel na Creche. Ao assumir a postura de profissional ativo, reflexivo e criativo, está vinculando a teoria a uma prática educativa coerente que o ato de educar exige.

Por fim, para garantir que este processo aconteça da melhor forma possível, como visto anteriormente, o professor tem um grande aliado ao seu trabalho, que se torna mais um elemento de relação indissociável dentro da Creche: o planejamento.

Cachel e Pinto (2011, p. 166) “reforçam que o planejamento traz para o professor orientação e segurança em seus processos, organização em suas ações e comprometimento na busca de qualidade ao educar.” Somadas a este contexto, diante das surpresas e desafios que ocorrem no dia a dia, o professor conseguirá assumir uma postura flexível e sem perder a intencionalidade de suas propostas e o significado de cada processo.

Considerações Finais

Esse artigo, fruto do trabalho de conclusão do curso de licenciatura em pedagogia propôs, como objetivo geral, reforçar que o brincar é um importante fio condutor do aprendizado no desenvolvimento infantil. É mais do que uma atividade que faz parte da infância e que já está inserida em nossa cultura naturalmente. É estratégia para um educar prazeroso e lúdico, principalmente quando se trata de crianças de 0 a 3 anos, que estão na fase de maior desenvolvimento e transformação em todos os aspectos da vida.

Entender o contexto histórico que envolve o brincar e o papel da Creche nesse processo tem grande importância. A partir disso percebemos como a evolução de um espaço, que antigamente tinha o cuidar assistencial como principal objetivo, para um ambiente onde se valoriza, além desse cuidar, o educar com intencionalidade, é que a profissão de professor se torna ainda mais importante para a primeira infância.

Obviamente, para que esse educar com intencionalidade aconteça, principalmente quando consideramos a aplicação de brincadeiras como objeto de aprendizagem, o professor precisa ter um olhar cuidadoso para alguns elementos que fazem parte deste contexto.

Um deles, como já visto, é o próprio desenvolvimento infantil nos três primeiros anos de idade. Nesse aspecto, se o professor tiver atenção e conhecimento para entender e saber trabalhar com cada etapa do desenvolvimento e, mais do que isso, enxergar com cuidado e carinho os sinais e necessidades

que seus próprios alunos passam no dia a dia, suas atividades com certeza terão mais impacto. Além disso, também conseguirá criar um espaço físico agradável que contribua com suas propostas pedagógicas.

A composição família-Creche, como abordado no decorrer desse artigo, também tem grande impacto no desenvolvimento, pois somente com uma relação saudável é que o trabalho da Creche se torna possível de acontecer.

Isso também pode ser visto dentro desse momento desafiador de ensino remoto que se vive atualmente. Criar essa relação com bastante confiança se torna essencial.

Nesse artigo apresentamos reflexões e sugestões de atividades ligadas a este período da infância, e a importância de entender a necessidade de cada etapa do desenvolvimento (sabendo que cada criança possui seu próprio ritmo), para que, então, seja possível aplicar brincadeiras e atividades lúdicas que tragam oportunidades de aprendizado de acordo com as necessidades dos pequenos.

Em todos os exemplos citados é possível notar que há sempre três pontos em comum que fazem parte desse processo na prática: o olhar atento do professor, o brincar com intencionalidade e o planejamento da atividade.

Esses pontos são intrínsecos, pois somente quando o professor olha com atenção e carinho para as necessidades de seus alunos é que consegue propor brincadeiras que realmente geram aprendizado e que tenham essa intenção, e que não seja apenas o brincar sem objetivo.

É claro que essa brincadeira só consegue ser aplicada com eficácia quando é bem planejada e quando está inserida na rotina de acordo com a proposta pedagógica desenvolvida pelo professor e instituição.

Crianças de 0 a 3 anos precisam de um espaço, dentro ou fora do ambiente escolar, que promova interações diárias com o mundo que as rodeia, visto que, principalmente nesta fase, estão constantemente aprendendo algo novo.

É por isso que a utilização dos jogos, brinquedos e brincadeiras, quando bem conduzidas pelos professores, e até mesmo pelos familiares, conseguem modificar ideias e comportamentos, ao mesmo tempo em que trabalham no desenvolvimento infantil em todos os seus aspectos.

Fato é que, até mesmo como para reforçar a sua importância no processo de aprendizado, o brincar tem um espaço exclusivo e importante na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) quando se fala sobre Educação Infantil. A Base prevê que as interações e brincadeiras sejam eixos das propostas curriculares, então as propostas pedagógicas precisam ter um olhar especial para essa questão.

Essa diretriz conduz o brincar como algo cotidiano, que deve ser realizado de diversas formas e em diferentes espaços e tempos, com diferentes adultos e crianças, ampliando acesso a cultura, novos

conhecimentos, imaginação, criatividade e também experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Diante disso, percebemos que a brincadeira deve ser ainda mais valorizada pelos professores, que são responsáveis por fazer com que as atividades e propostas pedagógicas sejam enriquecedoras, percebendo por meio delas, e de seu olhar atento, momentos de ensino e aprendizagem.

Referências

BHERING, Eliana; NEZ, Tatiane. **Envolvimento de Pais em Creche: Possibilidades e Dificuldades de Parceria**. [S. l.], 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a08v18n1.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2021.

CACHEL, Jocéris; PINTO, Aline. **Livro de Referência para Atuação Docente**. Curitiba: Positivo, 2011. 224 p. ISBN 978-85-385-5279-6.

CECÍLIO, Camila. **BNCC na prática: como garantir o direito de brincar na Educação Infantil**. [S. l.], 15 jun. 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/18076/bncc-na-pratica-como-garantir-o-direito-de-brincar-na-educacao-infantil>. Acesso em: 8 abr. 2021.

FERRARI, Marcio. **Friedrich Froebel, o formador das crianças pequenas**. [S. l.], 1 out. 2008. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/96/friedrich-froebel-o-formador-das-criancas-pequenas>. Acesso em: 6 abr. 2021.

GOLDSCHMIED, Elinor; JACKSON, Sonia. **Educação de 0 a 3 anos: O ATENDIMENTO EM CRECHE**. 2. ed. Porto Alegre: Grupo A, 2006. 304 p. ISBN 978-85-363-0694-0.

HANK, Vera. **O Espaço Físico E Sua Relação No Desenvolvimento E Aprendizagem Da Criança**. [S. l.], 2006. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/educacao/o-espaco-fisico-sua-relacao-no-desenvolvimento-aprendizagem-.htm>. Acesso em: 7 abr. 2021.

JESUS, Degiane; GERMANO, Jéssica. **a importância do planejamento e da rotina na educação infantil**. [S. l.], 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/jornadadidatica/pages/arquivos/II%20Jornada%20de%20Didatica%20e%20I%20Seminar%20de%20Pesquisa%20do%20CEMAD%20-%20Docencia%20na%20educacao%20Superior%20caminhos%20para%20uma%20praxis%20transformadora/A%20IMPORTANCIA%20DO%20PLANEJAMENTO%20E%20DA%20ROTINA%20NA%20EDUCACAO.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

JORNADA EDU. **Teoria de Vygotsky: como os alunos aprendem?**. [S. l.], 26 jul. 2019. Disponível em: <https://jornadaedu.com.br/praticas-pedagogicas/teoria-de-vygotsky/>. Acesso em: 6 abr. 2021.

MASERA, Tatiana. **Desenvolvimento Infantil De Zero A Três Anos**. [S. l.], 200-. Disponível em: <https://meuartigo.brasescola.uol.com.br/pedagogia/desenvolvimento-infantil-de-zero-tres-anos.htm>. Acesso em: 8 abr. 2021.

PEDAGOGIA CRIATIVA. **Froebel e o Jardim de Infância**. [S. l.], 15 abr. 2020. Disponível em: <https://www.pedagogiacriativa.com.br/2020/04/froebel-e-o-jardim-de-infancia.html>. Acesso em: 5 abr. 2021

PEREIRA JUNIOR, Lucimar da Silva; MACHADO, Joana Bartolomeu. **Educação Infantil em tempos de pandemia: desafios no ensino remoto emergencial ao trabalhar com jogos e brincadeiras**. Revista Educação Pública, v. 21, nº 6, 23 de fevereiro de 2021. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/21/6/educacao-infantil-em-tempos-de-pandemia-desafios-no-ensino-remoto-emergencial-ao-trabalhar-com-jogos-e-brincadeiras>. Acesso em: 20 abr. 2021.

SANTOS, Alexandra; JESUS, Evanildes. **Influência Das Concepções De Friedrich Fro**. [S. l.], 2016. Disponível em: <https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc13.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2021.